

QUINTA-FEIRA
Lisboa--28 de Fevereiro--1929

3.º ANO

5 TOSTÕES



Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **145**
five semanario humoristico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



J. Valença



Os ditos da semana



Nuas e cruas João Verdades, que é como quem diz o Tito Martins que diz as verdades nuas e cruas, acaba de publicar mais um livro. «Nuas e cruas» é um volume de dialogos mais ou menos humorísticos, onde se encerram criticas e lições bem dignas do espirito juvenil que as traçou.

O *Sempre Fixe* aproveita esta oportunidade para se penitenciar de, num dos seus ultimos numeros, ter publicado uma caricatura de Tito Martins com a seguinte legenda:

Tito Martins, talvez o decano dos jornalistas...

E' que os seus cabelos brancos iludem quem não sabe prescrutar-lhe a alma e o espirito sempre moço. O decano dos jornalistas portugueses não é ele, que tem a vivacidade de um rapaz, e mais ainda, de uma creança que agarra nos bonecos que nós todos somos e nos abre, nos escangalha para vêr como somos por dentro, apresentando as nossas almas nuas e cruas ao olho curioso e observador das multidões.

A Tito Martins agradecemos o exemplar que nos enviou, mas a João Verdades não sabemos se teremos que agradecer ou pedir contas, por recearmos que nos tenha metido tambem entre as personagens do seu livro.



Um clown que com Augusto faz intermedios cómicos na exposição da R. do Carmo.

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

AUGUSTO GIL

A' hora de fecharmos o nosso jornal, chega-nos a noticia da morte do grande, do admiravel, do portuguezissimo poeta Augusto Gil

Porque o tempo não chega para mais, exaremos aqui o preito da nossa dôr, o testemunho da nossa enternecida saudade.

Morreu alguém na nossa terra! Morreu um grande poeta portuguez, tão grande que os seus versos andam na boca do povo. Pois que cada um de nós, reze baixinho na hora da sua morte, os deliciosos versos em que ele cantava a neve:

«Cai neve na natureza
E cai no meu coraçõ!»

Schöh! O sr. Salvador Madariaga, que pelo nome não perca, professor de historia e de literatura espanhola na Universidade de Oxford, botou artigo na revista americana «Foreign Affairs» sobre as *trez irmãs latinas*—França, Italia e Espanha.

A certa altura, Madariaga afirma que a *palavra Espanha foi sempre entendida pelos portuguezes inteligentes como compreendendo Portugal.*

Madariaga ensina assim a historia. Madariaga ensina assim literatura. Madariaga entende que os portuguezes inteligentes sabem tanto de historia como ele. Aquela Universidade de Oxford, se não é apenas uma fabrica de Oxford para camisas, deve com certeza ter professores de outra qualidade. Essa justiça lhe fazemos, levando de barato que tenha admitido no seu seio um madariaga daquela força, apenas porque teve de conformar-se com o que lhe mandaram, como nós tantas vezes somos forçados a conformar-nos com um cavalo lazarento, mandado comprar por interposta pessoa. E já que falamos de cavalos vem a proposito dizer que todos os portuguezes inteligentes sempre tem entendido a palavra «estrebaria» como compreendendo Salvador Madariaga.

Schöh...

Alganistão Esta questão algã tem pano para mangas humoristicas que nunca mais acaba. Que deliciosas

operetas se estão perdendo nos confins do Oriente!

Amanulá satú de Kandahar que é como quem diz *Kanda a dar ar* á pluma enquanto não retoma o sçetro. Nadir Khan, que tem sido um cão para ele, poz-se a caminho da India a bordo do navio Kai-Far-I-Hind, a pedido de Abibulá, irmão de Amanulá e tio de Olá, abandonando assim a corõa em Djabalabad e dizendo com os seus botões:—Deixa-la lá.

Parece que os subditos desta cambulhada de reis escolheram outro chefe, um Abichalá qualquer que tambem ha-de acabar por dar ás de Vila Diogolá.

Bairro das colonias

Entre os bairros Andrade e de Inglaterra vai construir-se o bairro das Colonias. Assim, vamos ter Angola, no centro da cidade, tencionando a nossa edilidade fazer transportar para lá certas figuras que costumam aparecer pelas ruas da baixa, destinando-lhes um *habitat* propicio, na copa das arvores e das bananeiras. O bairro das Colonias passará a ser uma magnifica estação de inverno com aquecimento central natural, obrigando-se a população a andar em permanente questão e continuo descontentamento com os governantes, para haver mais cor local.

Quem fór preto estará ali como em sua casa e quem fór branco fingirá, uma vez por outra, uma febrezinha palustre, devendo a Camara Municipal transferir para o novo

bairro o magnifico lago do Parque Eduardo VII, para que não faltem os mosquitos, como convem a um clima tropical.

Construir-se-hão ruas e praças, mas não se fazem edificações. Quem quizer que construa a sua palhota, de que terá de pagar o competente imposto.

E, feito tudo isto, sentir-nos-hemos em plena Africa, desde o momento que se complete a decoração com trez leões do Jardim Zoologico, com a casa do sr. Carlos Pereira, para se ter a certeza de que falta agua como no sertão, e com meia duzia de quilos de café do Macario.

Além de outras, o bairro das Colonias tem a seguinte vantagem: dar-nos a ilusão de que estão degredados certos figurões que nós conhecemos, quando para lá forem tomar ar.

“Solução editora” Apareceu o 2.º numero da «Solução Editora». Dos seus meritos já falamos quando do 1.º numero. Resta apenas registrar os que vão saindo e não desmerecem dos primeiros, fazendo votos por que não lhe aconteça como a certos meninos prodigios que, quando chegam a matulões, perdem a graça e o talento. Não é felizmente o caso.



Um clown que com Tom faz intermedios cómicos na exposição da R. do Carmo.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

PARECE que, finalmente, já se sabe quem vai interpretar aquela «babilónica» revista da «velha parceria»... Consta que voltou tudo ao principio.

— Primeira fórmula — diria um dos autores, que é da tropa...

E assim foi. Voltou a chamar-se a vedette mexicana E. S. e... vão começar os ensaios brevemente...

O empresário J. L., metido naquela camisa de onze varas — desde que chegou a Lisboa — encontrou a solução do caso... J. L. — a quem o teatro português deve grandes serviços e a quem alguns artistas deviam tratar por «pai» — até respirou...

Agora, podemos dar ao publico a noticia em primeira mão — como se diz em calão jornalístico:

A companhia da E. S. deixou o T. V. e vai para o T. da T. interpretar a revista «Babilónica», de J. B., F. B. e P. C.

Pelo menos era o que estava assente ha vinte e quatro horas... Verdade seja que em teatro não ha nada assente...

A EPOCA teatral que se avizinha é já conhecida pela época das adjudicações... Até o T. M. V. foi adjudicado... ao poeta S. T., que se fará acompanhar da A. F., a «amaga do fado», como agora se lhe chama, e da I. S., que tambem teve no T. do G. um triste fado...

O T. N. tambem é, em Maio, posto a concurso. Aprestam-se para a adjudicação algumas companhias, accrescidas de notaveis elementos, e vão formar-se outros elencos onde predominam grandes nomes da scena portuguesa... Os boatos que correm são os mais variados. A luta parece que vai ser feroz...

A proposito do T. N. e da crise teatral, um conhecido empresário — que raras vezes tem tratado com artistas dramaticos — dizia-nos ha dias:

— O T. N. só se salvava se dois empresarios, dispostos a perderem dinheiro por um tempo, tomassem conta dele. Não formavam companhia. Iam buscar artistas de categoria para interpretar determinadas peças, escolhidas por uma direcção de creaturas conhecedoras. Mais tarde — um ano depois, talvez — formar-se-hia um elenco-base e fazia-se, para isso, uma escolha de actores e actrizes. Aproveitavam-se os bons e as boas e o resto é de prever que, desiludidos, voltassem ás suas antigas profissões...

Seria uma solução? Onde está um português, está um plano... mas este, exposto acima, não nos parece dos piores...

ABALOU para as ilhas a companhia L. S.-E. B., que ha mais dum ano não representa em Lisboa, por não ter teatro... E' dos melhores elencos e das mais solidas organizações teatrais que trabalham em palcos portugueses. Tem — parece-nos — oito anos de existencia, o que em teatro, e na época actual, é importante.

O *Diario de Lisboa* referia-se á partida de L. S. da seguinte maneira:

«Então, L. S., e com ela um modelar grupo de artistas que, durante épocas sucessivas, em Lisboa, fez sucesso, teve publico, dignificou o teatro, já não tem direito a ter uma casa de espectaculos, cuja exploração o seu passado, o seu talento e a admiração que todos lhe tributam asseguram largamente?»

Não será tempo de defender o teatro do cinema, a exemplo do que se faz no Brasil? Fixar, por lei, o genero a explorar nas varias casas de espectaculos, e até mesmo os ordenados dos artistas, de maneira a que os mais modestos

O pianista Jaime Silva (filho)



Mocidade e talento que o publico vai ter ocasião de admirar no recital que realisa no proximo domingo...

não sejam prejudicados? Fazer com que se explorem peças portuguesas e estrangeiras em condições que estejam em harmonia com a lotação dos teatros e o valor das obras?»

Muito bem. Aprovamos inteiramente. Não ha direito de deixar partir, sem protesto, uma companhia onde ha elementos — já não falando em L. S. — como A. P., artista de formidaveis qualidades; J. A., comediante do melhor quilate; E. B., um artista que tanto faz *galds* como *velhos* — e haja em vista esse caracteristico da peça «O Homem das 5 horas», etc., etc.

O artigo do *Diario de Lisboa* fechava assim:

«Impõe-se a todos os que vivem do teatro e para o teatro — um momento sério de reflexão, de sacrificio e de concordia.»

Tenhamos esperanças que esse momento chegue... mas não vá acontecer como no T. P., onde as duas famílias sagradas se uniram com grande amizade e agora é — dizem — o que se vê e o que se ouve por aqueles camarins do teatro do pai P...

FALA-SE na construção dum novo teatro. Um demolidor do que é nosso disse, ao saber do projecto:

cinda do Carmo, Augusto Rosa, Brazão, João Rosa, Inacio, Joaquim Costa e tantos outros — tivessem feito essa figura vergonhosa que os actuals artistas dramaticos fizeram ha um ano... quando se annunciou que vinha a Lisboa a companhia Velasco.

Somos de opinião que o nosso publico precisa vêr, de vez em quando, artistas estrangeiros. Para os que tem a felicidade de poder viajar — é uma recordação do que viram lá fóra, e para os que não podem sair de Lisboa é consolador acompanhar a civilização...

Quando se consente na vinda de companhias estrangeiras? Não era mau... Ao menos, alguns dos nossos artistas aprenderiam... um pouco!

O empresário J. L. — só para nos arrelhar — faz passar pelo Tejo, a caminho do Brasil, algumas figuras... Porque não nos dá o prazer duma paragemzinha ali no T. da T.?

A E. L. lá continua a ser, no T. A., a pequena do Bristol e parece que sem vontade de mudar de personagem... A companhia singra e mais singrará quando começar a representar-se o «Rocamboles» e outras peças semelhantes... Aquele publico necessita desse teatro, que estava esquecido...

Quem havia de dizer que a actriz E. L., a artista mais moderna dos nossos palcos, acabava por interpretar o dramalhão de faca e alguidar...

O Chab... onde irá cair? Já teve convites varios... e nada!

Foi convidado — julgamos saber — para o T. da T., onde entraria na revista da parceria; para o T. P., onde iria interpretar o protagonista de «O Batoque»; para o mesmo teatro, só para desempenhar uma personagem da peça «A Avósinha»...

Agora consta que concorreu ao T. M. V., que vai concorrer ao T. N. e que vai para o T. A....

O Chab... tem corpo para tudo isto... e para muito mais!

Onde irá cair o Chab...?

EM Março devem estar fóra de Lisboa as seguintes companhias:

L. S.-E. B.; A. R. C.-R. M.; B. B.-A. da C.; H. L.; I. S.; C. de O. e S. R.

Sete companhias a viajar — a passar fóra a primavera! Lisboa fica quasi abandonada. Em Maio emba... para o Brasil a do Amar...

E' uma verdadeira debandada...

NA festa do N. F., no T. A., vai representar-se uma peça intitulada «O monstro dos olhos verdes» e que será representada pelo festejado, pelo Chab..., pela A. de O. e pelo Amar... O adaptador da obra é o M. D. e dizem os periodicos que é inspirada numa comedia de Nicodemi. *Inspirada* é um novo termo usado agora na gíria teatral.

A peça devia chamar-se «O monstro dos olhos verdes ou a ultima inspiração do M. D.» e podia ser escrita pelo homenageado, á maneira daquelas que ha anos fez representar...

O N. F. será o monstro ou o monstro será o M. D.?

O Homem das 5 horas

COMES SUNRIPE

Aprimorados Fados só no Solar d'Alegria.

BOM HUMOR

Entre mendigos:
— Nesta época de crise, a gente de-
ve contentar-se com o que encontra...
— Mas é que eu não encontro na-
da...

Na aula:
A professora: — Armandinho! Se eu
tomasse estriquinina em vez de as-
pirina, que sucedia?
O aluno: — Era um dia de festa pa-
ra a classe!...

Num bric-à-brac:
O freguês: — Mas é um autentico
Rubens?...
O comerciante: — Palavra de honra!
Mas evite tocá-lo, que está ainda
fresco...

Preso em flagrante delicto:
O anarquista: — Trate-me com mais
delicadeza.
O polícia: — Não sei porquê...
— Porque tenho varias bombas no
bolso...

O critico literario: — Onde está o li-
vro do Pacheco, que na semana pas-
sada critiquei?
A esposa: — Empréstei-o á Julia!
O critico literario: — Mas que estu-
pidez! Ainda não o tinha lido...

Entre amigas:
— Mas, minha querida amiga, se
ele te é antipatico, porque te deixaste
beijar?
— Vejamos! Não podia ser indeli-
cada...

O agente da estatistica:
— Minha senhora, previno-a que, se
no boletim não indicar a sua idade
exacta, será multada em mil escudos.
— Então, tenha a bondade de espe-
rar alguns instantes, que vou man-
dar ao Banco buscar algum dinheiro...

O sacerdote: — Miguel! A embra-
guês é a causa de todos os nossos
males...
O veterano: — Obrigada pelo con-
selho. O sr. padre é a primeira pes-
soa que me fala no plural...

— Sempre que te vejo, lembro-me
do Antunes.
— Mas eu não me pareço nada com
ele...
— Bem sei! Mas ele é como tu: de-
ve-me cincoenta mil réis.

A cartomante: — ...A menina ha de
casar-se...
Joanita: — Quantas vezes?

AS GRANDES DESCOBERTAS

Um novo microbio

O dr. Von Der Torondeder acaba de
realizar uma sensacional descoberta
que irá, por certo, revolucionar o
mundo scientifico. Numa extensa me-
moria que em breve será publicada
em todos os jornais deste mundo e,
do outro, o illustre clinico propõe-se,
com o auxilio da sua poderosa des-
coberta, extinguir a pobreza e as suas
naturais consequencias.

O dr. Von Der Torondeder, numa
entrevista concedida a um represen-
tante do *Sempre Fixe* em Berlim, ex-
plica que o seu método se funda na
teoria de que todos os fenomenos do
mundo clinico, artistico e economico,
tem por base a existencia de deter-
minados microbios que a ciencia
muito em breve chegará a classifi-
car. Coube ao illustre clinico Der To-
rondeder a classificação e descoberta
de um dos microbios que mais ate-
ctava a humanidade: a pobreza. O
Sempre Fixe orgulha-se de ser o pri-
meiro jornal a revelar ao mundo a
sensacional descoberta. A pobreza é
um microbio.

Feita esta primeira revelação, o dr.
Der Torondeder dedicou toda a sua
prodigiosa actividade ao estudo da
captação desse nefasto microbio, co-
mo ponto de partida para a sua ex-
tincção.

Para esse fim, o distinto bacterio-
logista contratou três individuos mais
atacados de pobreza (segundo a sua
teoria) e disposto a ensaiar nesses
três individuos o seu novo método.

Devido ao seu mal, os doentes apre-
sentavam-se com grande vontade de
comer e, entre outros sintomas, ti-
nham as algibeiras muito frias e,
quanto ás suas faculdades mentais,

apresentavam-se singularmente ata-
cadas. Os doentes não sabiam dizer
onde moravam, sendo talvez por este
motivo que nenhum deles tinha casa.

O dr. Der Torondeder submeteu os
pacientes a um rigoroso tratamento.
Impôs-lhes, como dieta, comer rega-
ladamente três refeições. Os fatos,
atacados do terrivel microbio, foram
queimados e substituidos por peças
de vestuario novas e elegantes.

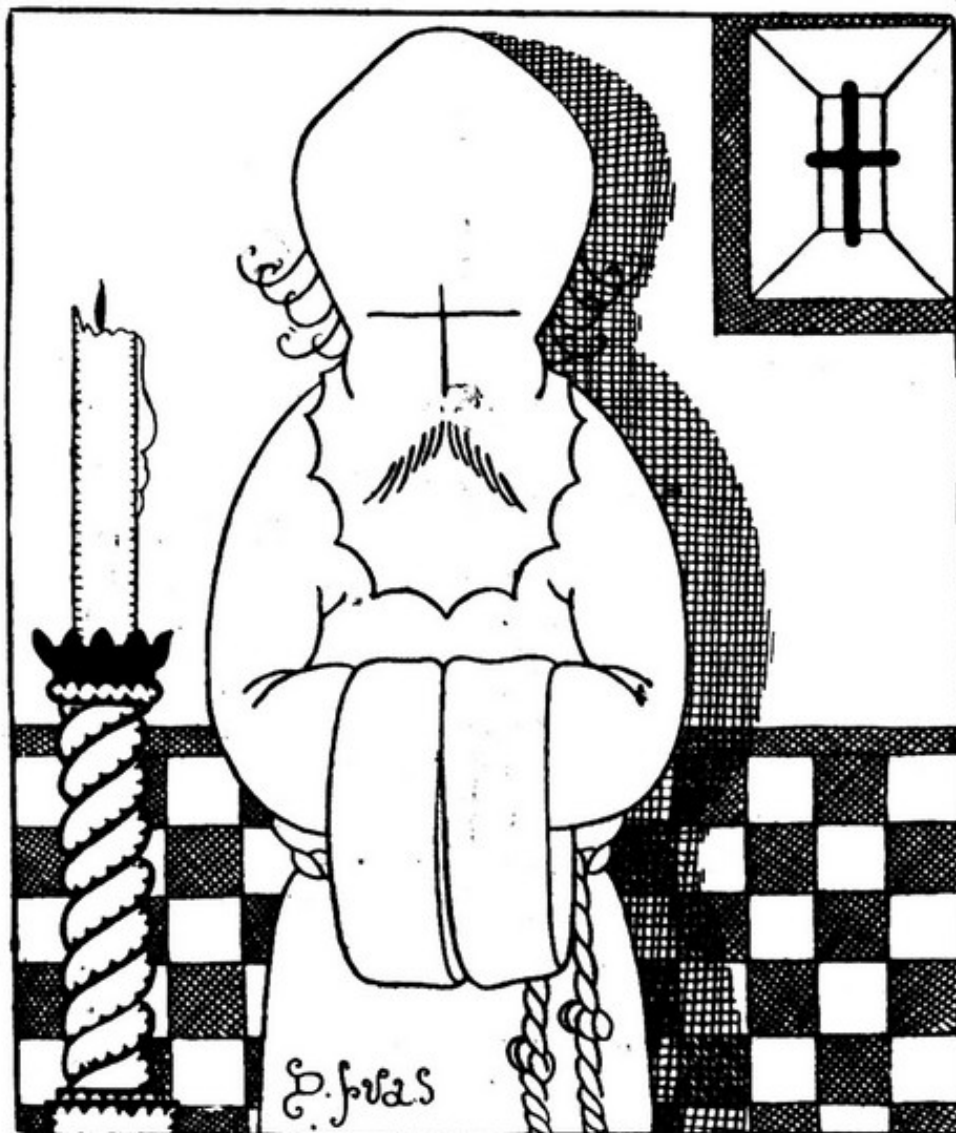
A fim de resguardar os pacientes
contra novo ataque dos microbios,
foram evitadas todas as circunstan-
cias perigosas, provenientes quasi
sempre do desabrigo. Durante quatro
meses, os três individuos atacados do
microbio da pobreza viveram em ma-
gnificas instalações, com boa agua
e luz e optimas roupas de quarto.

Finalmente, ao fim destes porfiados
esforços, o dr. Von Der Torondeder
triumfava completamente. O microbio
fôra debelado e, numa comunicação
particular enviada a um importante
estabelecimento scientifico, o illustre
homem de sciencia, apresentando os
três individuos que toda a cidade
conhecia como pobres e os revelou ao
mundo como curados do terrivel mal,
pode com pleno exito fazer triunfar
a sua teoria e o seu método sensacio-
nal.

Gloria ao dr. Der Torondeder!

Dentro em pouco, não haverá mais
pobres. Basta que eles compreendam
os métodos do dr. Von Der Toronde-
der e se sujeitem ao seu rigoroso tra-
tamento, que consiste, como dissemos,
num bom regimen alimentar e em
especials cuidados com o vestuario
e a habitação.

O "Fixe" no Porto



O Pintor Antonio Carneiro -- Monge
de Arte e pintor de Monges.

Riso amarelo

Barbey d'Aureville, o mordaz escri-
tor conhecido pelo «Condestavel das
Letras», penetrou um dia na «Maison
Dorée», restaurant do Boulevard des
Italiens, encontrando todas as mesas
ocupadas.

Numa delas encontrava-se só o Vis-
conde de Pontmartin, inimigo intimo
e literario de Barbey, e a quem o
creado servia naquele momento uma
duzia de ostras.

— Permiça-me—dise Barbey—que
me sente na sua mesa, uma vez que
não ha nenhuma outra vaga.

— Perdõe— respondeu o Visconde
— mas costume comer só.

— E' pena— replicou o humorista
— eu pretendia apenas conjurar o
azar, porque na sua mesa estão
treze...

D. Benito Perez Galdós, numa das
excursões que fazia por Espanha pa-
ra conhecer os lugares onde se desen-
rolaram os episodios que descreveu
nas suas novelas, teve por compa-
nheiro outro escritor ainda vivo e
que não é precisamente um investi-
gador historico, ainda que, em tal
ocasião, disso se lembrasse de pre-
sumir.

Iam pela altura de S. Marcial e,
numa paragem que ao tal escritor pa-
receu oportuna para fazer uma frase,
disse:

— Foi aqui, foi aqui.

— Foi aqui o quê? — perguntou
perguntou D. Benito, admirado do so-
lente tom do seu companheiro.

— Foi aqui que o conde de Wellin-
gton disse a Napoleão: «Francês, te
aborreço; heroe, te admiro».

D. Benito, sem se dar por entendi-
do, pois conhecia bem o seu compa-
nheiro, respondeu:

— Sim, foi aqui. Mas o duque de
Wellington era conde, nem foi ele
que disse isso. Tudo o restante é ri-
gorosamente historico...

Paulina Bonaparte tinha levado pa-
ra França, ao regressar da ilha de
Santo Domingo, varios escravos pre-
tos. Eram duas pretas as encarrega-
das de lhe darem banho. Mas estas
transitaram para o serviço doutras
pessoas e Paulina passou a ser ba-
nhada por um preto.

A senhora Chabrouillon, grande
amiga da irmã do imperador, disse-
lhe respeitosaente:

— Sabe Vossa Alteza o que se diz?
Que em vez de escravas para vos ba-
nhar, tendes agora um escravo preto.

— E dizem a verdade — respondeu
Paulina. — Mas um preto não é um
homem.



— Vês, Zézinho. O homem descende
do macaco.
— Então o macaco de que descende?
— Das arvores...

FUMESUNRIPE

400.000\$00

Estão á venda na feliz casa de
José Pedro
173-R. ARCO BANDEIRA-173

Sortes grandest
só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

Boa assistencia só no
Solar d'Alegria.

Elevador da Gloria DA IMORALIDADE

Já é do conhecimento das gentes que os caçadores pregam a sua mentira muito honradamente. Os que estiveram na Africa ou na India tem sempre, no seu activo, dois leões embal-samados, três tigres... de bengala e meio elefante domesticado. Os que nunca passaram da Serra da Estrela ou das coutadas do Alemtejo são me-nos fabulosos. Contentam-se com uma perdiz depenada... pela cozinheira e um coelho manso que, por acaso, fu-giu da coelheira, sendo logo vítima dum ateniado mais ou menos cine-gético... a fugir do pélo.

O nosso Malaquias Saavedra regres-sara ha pouco de Africa e todas as noites era infalível pelo Gelo — café que, pelo titulo, lhe agradava, refres-cando-se assim do calor tropical. As suas aventuras longas e pasmosas não tinham fim. Como pagava as cer-vejas, os admiradores aumentavam, minuto a minuto, aplaudindo-o.

Uma noite, porém, Malaquias Saa-vedra estava, descriptivamente, subin-do o Zaire, numa canoa, com pretas e duas palmeiras no horizonte, quan-do lhe apareceu o Silva. Boa plada, bons musculos e boa guela.

— Era um assombro! — exclamou Saavedra. — Ouvia os rugidos das on-ças...

— Tem aqui uma de francês! — dis-se o Silva.

— Entrei pelo mato dentro de cara-bina aperrada. Dera apenas dois pul-os quando vi na minha frente uma onça. Fogol! O animal tombou para o lado.

Houve um murmúrio de admiração. Saavedra mandou vir mais canecas de cerveja e prosseguiu:

— Deixei ficar o bicho guardado por dois pretos. E continuei pelo mato, agora sózinho. Nisto, um espantoso rugido abalou a floresta. Um despe-daçar raivoso de ramos. Outro rugi-do. A dois metros de distancia esta-va um leão. Imponente! Fascinante! Fiz fogo. Apenas um tiro. A bala en-trou-lhe por um dos olhos.

— Bravo! Heroico! Fenomenal! — exclamaram em varios tons, acima e abaixo, os circunstantes, olhando vitoriosamente para o Silva, que pa-recia rir amarelo.

— Apesar de já ter morto duas fe-ras, continuei a caçada. Tinha desco-berto na terra humida o rasto duma pantera. Devagarinho, rastejando, in-vestigando as moitas, carabina carrega-da, procurei o covil... Não tardel muito em descobri-lo. Então, ergui-me. Level a arma á cara, alvejei bem a pantera e...

— Alto! — bradou o Silva, indigna-do de tantas patranhas. — Se você mata mais esse bicho, dou-lhe um sóco que o arrazol!

— ... carreguel o gatilho, mas a es-pingarda negou fogo. A bala estava deteriorada! Tive que abandonar a fera e deitar a correr para o rio.



O Chimpanzé — Pst! ó gente! Vocês não sabem ler?!

Sortes grandes? só o PINA as vende 78 — Rua de S. Paulo — 77

FUME SUNRIPE

Uma noite alegre só no Solar d'Alegria.

— Passam vocês a vida — dizia-me ontem, Aristides — a tratar nos jor-nais assuntos de somenos importan-cia, quando tinham motivo para um interessantissimo estudo sobre a so-ciedade actual: — onde começa e en-de termina a imoralidade?...

Oihe! Aristides, a um tempo sur-preendido e penalizado. E' que o ten-ho na conta dum esplendido rapaz e meteu-me do vé-lo a seguir por um caminho que já tem levado muitos a Rilhafoles. Arrisquei no entanto um «não atinjo», que pareceu atingir Aristides em pleno peito, pela fórma quasi aggressiva com que me respon-deu:

— Não atinge? Ora suponha que uma senhora nova, interessante, sai de casa com uma sala curta, um pal-mo de perna cuidadosamente á mos-tra por sobre o joelho, e se dirige tranquilamente á Baixa, a fazer as suas compras, a governar emfim a sua vida, — o que imagina que lhe sucederá?

E antes de me dar tempo a res-ponder-lhe, o Aristides continuou:

— O indigena segue-a, formam-se bichas ás portas das lojas onde ela entra e acaba por entrar a policia, que terminará possivelmente por pren-dê-la, por prejudicial ao transitio ci-tadino. Suponhamos agora a mesma senhora numa praia elegante, em maillot pelo terminus da côxa, e os mesmos que a apuparam na Baixa olharão agora indiferentemente para ela. Ora diga-me: — Não será a cobri-ça dos homens igual em qualquer parte da terra? Não serão um mito a decencia e a imoralidade?

Ia a pretender rebater as afirma-ções de Aristides, quando ele conti-

nuou, no seu tom leonino de Demos-tenes moderno:

— Outro exemplo: uma dama pas-sa ao seu lado na rua e o meu amigo toca-lhe com a mão, com maldade ou sem ela. A dama protesta, junta-se gente e o minimo que lhe acontece a si é pagar 900 escudos no Torel, o que é mau, ou apanhar uma fricção medicinal de sombrinha fechada, o que é pior. E porquê? Porque foi imo-ral? Principalmente porque foi estu-pido. Você encontrava a mesma se-nhora num baile, agarrava-se a ela com as duas mãos e passava uma tarde ou uma noite a ela agarrado, em passos mais ou menos «charlesto-nicos», sem perigo de multa, nem perspectiva de guarda-chuva.

— Mas — tentei objectar — certamen-te nesse baile, a senhora em questão era-me apresentada...

— Não diga mais nada — atalhou Aristides. — Era-lhe apresentada pelo director de sala, que a maior parte das vezes não conhece nenhum dos apresentados. Pergunta-lhe a si o no-me. Faz á dama igual pergunta. E termina: — «O senhor Fulano... M.ª Beltrana». E só por isto o meu amigo ficou com o direito de se perder com a dama no turbilhão das salas e no ruído do jazz-band... E ela, que na rua, por muito menos, arranjava uma catastrophe, acha isto a coisa mais natural deste mundo. O que me diz o meu amigo a isto?

Eu não disse nada. Mas, cá pa-rra comigo, tive pena, muita pena mesmo, porque o Aristides é, como já disse, um esplendido rapaz e faz-me pena vêr que ele, a continuar as-sim á dizer as verdades, acaba, com certeza, em Rilhafoles...

Anibal Nazaré

Edwin Pereira dos Santos



E' o verdadeiro homem electrico. Desde Cascais a Lisboa todo ele é falasca. E até o seu pequeno auto-movel parece um autentico raio!



Parada e resposta

Numa excursão de americanos que vieram recentemente visitar Lisboa, vinha o architecto e celebre critico new-yorkino Mr. Thomas Bishop, que em companhia do distinto arqueo-ologo Mendes Barata foi vêr os edifi-cios mais interessantes da cidade. Em primeiro lugar, Mendes Barata foi mostrar-lhe o Mosteiro dos Jeronimos, que o americano achou magnifico, perguntando:

— Quantos anos levou este mosteiro a construir?

— Vinte — respondeu tranquillamen-te o português.

— Na America fazia-se muito mais repressa. Seriam precisos, quando muito, tres anos.

Mendes Barata enguliu em seco e ficou calado por largo tempo.

Meteram-se novamente no automovel e foram vêr novos edificios. Che-gados ao Caes do Sodré, o ameri-cano perguntou que edificio era aque-le, pergunta a que Mendes Barata respondeu logo, acrescentando, ale-gre, que não levava um ano para ser construido, ao que o new-yorkino sol-tou, snobemente:

— Na America não levaria a cons-truir nem dois meses.

E embatucado ficou novamente o distinto arqueologo português.

Mendes Barata mandou seguir o automovel para as Avenidas Novas, a fim de lhe mostrar a Praça do Cam-po Pequeno e o Campo Grande, e, quando depois de percorrido todo o percurso deslisaram ao ralenti, pelas alturas do coreto, o americano, re-pentinamente, reparou no edificio em obras do Manicomio, perguntando, curioso, ao Barata:

— Que edificio é aquele que ali se está a construir?

Então Mendes Barata, com um ar de alivio e ao mesmo tempo de mal-dade, concluiu:

— Não sei, porque ainda ontem aqui passei e nada havia ali...

As capas do "Sempre Fixe"



Só a capa 10\$00.
Capa e encadernação 15\$00.

Coleção completa de um ano, devidamente enca-dernada, 50\$00.

Podem, pois, ser requi-sitados os dois primeiros anos.

Para a provincia cresce o porte do correio.

Bancofobia

A mesma epidemia que atacou as arvores e os quiosques, tem pouco a pouco contaminado os varios bancos das avenidas e praças publicas.

Depois da guerra, todos os bancos, duma maneira geral, tem mostrado tendencia para ir abaixo.

Todos os bancos, quer sejam de quatro pernas ou de quatro andares, andam ha muito com pouca sorte.

Agora chegou a vez aos do Terreiro do Paço, que nem por serem de pedra resistiram.

Esta doença que a todos atacou é de tal fórma garve, que muitos até em cimento armado tem tido o mesmo fim. Verdade seja que muitos deles eram de cimento armado mas com o recheio armado no ar.

E, enfim, já não ha bancos no Rossio, nos Restauradores, e os que existem nos jardins e praças publicas estão de tal fórma pódres que, sem os deitarem abaixo, se encarregam de cair por si, a prestações.

Assim, o povo, que já não tinha onde cair morto, não tem daqui a pouco onde cair em vida por uns momentos, para descansar da luta cada vez mais renhida pela existencia, pelo pão que a Moagem amassou.

Os poucos bancos que ainda restam são quasi todos de credito (pelo menos de nome) e nesses só conseguem ter assento os novos-ricos e os respectivos afilhados.

Não sabemos, portanto, qual o fim que se tem em vista com este cerrado ataque aos bancos que nos lugares publicos podiam dar-nos uns ligeiros parentesis de repouso na labuta quotidiana. Querera, porventura, preparar-se desta fórma a geração dos sempre em pé, porque no crescente apan vertiginoso do progresso já ninguém pára, ou preparar-se uma geração de corajosos, porque quem tem assento tem medo, e se procura por esta fórma que a geração futura não tenha assento nenhum?

Talvez seja um bem, porque a maioria tão mau uso costuma fazer dele...

Figuras de cinema



GRETA GARBO



CLARA BOW

Sortes grandes?
só o PINA se vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

FUMES **SUNRIPE**

A GARRAFA SALVADORA A viuva alegre

(Conto para um artista amigo)

Digo, meu querido amigo e grande Artista, que este conto, que abaixo lerás, é — «um arranjo do estrangeiro» — e não te cito o autor, nem o idioma em que originalmente foi composto, para, bem entendido, não ter de pagar direitos de autor, tal qualmente como sol fazer-se no mui propriamente dito teatro português, com os multiplos e rugidores sucessos da epoca. Apenas, se me permites, — ó do lapis-lázuli da expressão! — ha uma pequenissima diferença entre mim e os adaptadores das tais peças de sucesso: é que, enquanto eles diminuem a graça dos originaes, eu, como, de fórma gritante e, portanto, convincente, tu verás — aumento, com fulgôr inusitado, a graça do desgraçado autor que me caiu nas mãos.

Ora, ouve tu, lá, a historia intonsa: No começo de tudo, Deus fez o Céu e a Terra. No primeiro dia, fez a luz... No setimo dia, repousou; e, na semana seguinte, dedicou-se, exclusivamente, a inventar o *grog madetrense*.

O velho e alentado João Maria de Freitas, que pessoalmente eu conheci perfeitamente, e que era, sem duvida, um dos mais curiosos tipos da minha terra, alegre e farçante como poucos, tinha uma triste enfermidade: não podia andar vinte metros sem sentir uma sede horrivel, que ameaçava sufocá-lo. Frequentemente, mesmo, sucedia-lhe não poder andar uma pequena milha sem que fôsse obrigado a beber trinta ou quarenta copos de *grog*, não contando (bem entendido) com os copinhos de *cana*, que ele teimava que tirava o gosto *agre* do *grog*; e esta ideia era para ele um dogma mais respeitavel do que o da infalibilidade do Papa.

«Atrás de mim virá — o filho da velha que te ensinará» — diz um rifão da minha terra, que era a mesma que a do Freitas. E assim foi: João Maria encontrou, enfim, alguem que lhe deu uma lição.

Numa invernosa manhã, em Liverpool, com 75 graus Fahrenheit abaixo de zero, João Maria de Freitas, o *Conca*, como a bordo lhe chamavam, encontrou (Deus sabe se bem contra

sua vontade) um seu antigo companheiro, ha muito perdido de vista, o terrivel Hultz Kamp, aquele tremendo fogueiro que matara, duma vez, com um só golpe de pá-de-chegador, três homens, perto de Glasgow.

Ora, como já ha trinta anos que se não viam, beberam juntos trinta copos de *grog* antes de sentirem animo para cordealmente se apertarem as mãos.

— Hoje faz um calor de seiscentos diabos! — disse, por fim, o Freitas.

— E' verdade, camarada — respondeu Hultz — calcula que ha mais de uma hora que procuro matar a sede sem que até agora o conseguisse.

— Exactamente como eu. E, entretanto, uma garrafa de *grog* já vale alguma coisa...

— Ora — respondeu Hultz — uma garrafa de *grog* é o que se dá a uma creança de mama para desenjoar o leite! E, a proposito, diz lá tu: já alguma vez sentiste a verdadeira sede?

— Ora se já senti! — exclamou o Freitas. — Ha vinte anos, depois de andar duas horas a cavalo, bebi dezoito garrafas de cerveja, uma atrás das outras, sem despegar. Lembrome muito bem...

— Muito bem! — retorquiu Hultz Kamp — o dia em que eu tive mais sede estava eu na America, quando se construia a linha do *Canadian Pacific*. Era em pleno Agosto, eu estava com a minha carroça e a minha ferramenta, a dez milhas da mais proxima povoação, sem uma só garrafa de vinho, nem sequer um frasco de aguardente!... Pois tive tanta sede que bebi dum trago um litro inteiro de verniz.

— Mas, então, não tinhas agua ali á mão?

— O quê? — perguntou Hultz.

— Agua, digo eu. Não tinhas agua ali perto?

Hultz parecia pasmado pela pergunta do antigo companheiro.

— Agua! — exclamou afinal. — Então eu não tinha ali quanta quizesse!... O que não lembra ao diabo é ter uma sede daquelas e ter ainda coragem de tomar banho.

Cirano de Velhoirac.

Coisas de Sport e de supor...



Se o «Onião» continua assim tem de arranjar um talho, ou um rebanho lá nas terras.

Acabara de falecer o Gregorio Evangelista, negociante de couros por atacado, atacado por uma congestão, no momento em que pensava em descongestionar a loja, onde a custo cabiam os cabedais do seu negocio, a ponto de, quando a esposa descia ao estabelecimento a procurá-lo, mal caber entre o marido e a armação.

Na rua do Norte, onde a sua loja era afreguesadissima, foi a sua morte, de norte a sul, muito sentida, tombando sem sentidos algumas vizinhas e comerciantes do sitio, que tinham quasi todas as lojas a meia porta á passagem do corpo. Encorparou-se tudo o que de mais representativo tem a rua do Norte, tendo-se feito representar a União Internacional de Couros, Sindicato Unico de Vitelas e Cabedais, seguindo logo após a carreta a inconsolavel viuva, herdeira unica dos couros, da loja e competente armação.

Seguia o funebre cortejo, num respeitoso silencio, apenas cortado pelas gargalhadas e outras manifestações festivas da viuva — e era esse o espanto geral.

— E' nervoso — diziam uns. — E' da caspa, que lhe está a causar cocegas — diziam outros.

Fôsse porque fôsse, o que era facto é que a viuva ria a bom rir, o que — digamos de passagem pelas brazas — não era das coisas mais naturais num funeral de 2.ª classe, com caixão de magno, a cargo da agencia Mogno. E começou a ser tal o escandaloso provocado pelo riso interminavel da viuva, que algumas amigas que a acompanhavam resolveram fazer-lhe vêr a triste figura que faziam, figurando num funeral aonde só faltava um «jazz-band» para ser uma pandega rasgada.

Logo, porém, ás primeiras palavras que lhe dirigiram para que terminasse o seu riso, improprio do momento, a viuva fê-las calar com uma resposta que plenamente justificava a sua attitude:

— Acham então que não tenho razão para ir alegre?! Pois fiquem sabendo que eramos casados ha 12 anos e foi hoje a primeira vez que saímos juntos e não nos zangámos!



— Meu marido morreu de gotta.
— Tem graça, o meu morreu de pinga...

Quereis dinheiro?

Jogal no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!

Cear alegremente só no Solar d'Alegria.

Uma questão de... sorte

Pedaços duma carta dirigida, em 5 de Agosto ultimo, por D. Elisa Barros á sua mais intima amiga:

«Hotel dos Bicos. — ...Sim... Tu adivinhaste, minha amiga: meu marido e eu não estamos sós. Carlos Ourique, aquele rapaz alourado que encontrei bastantes vezes na minha casa e que no ministério do Descanço Semanal é um dos colegas do Julio — está também aqui (como que por acaso), a passar as férias.

... Pobre Carlos! Seria, na verdade, bastante triste para ele e para mim sermos obrigados a passar um longo mês separados um do outro...

Mas tu enganaste-te, minha querida, quando dizes: «Como deves ter tido momentos felizes».

Não! Não tive ainda aqueles felizes momentos que imaginas. São mesmo raros, muito raros esses momentos aqui.

Com receio, talvez, de se aborrecer sózinho, o Julio, meu esposo, não deixa um momento sós, Carlos e eu.»

Passagens duma carta dirigida, em 10 de Agosto ultimo, por Carlos Ourique ao seu mais intimo amigo:

«Hotel dos Bicos. — ...Julgo que já te disse: todas as tardes, depois do almoço, a minha Elisa, o marido e eu, fazemos um longo passeio a pé.

... Em consequencia da presença de Julio Barros, da inevitavel presença

de Julio Barros, que nos obriga, Elisa e eu, a ser socegados como imagens, esse passeio resulta, como tu calculas, uma quasi massada para ambos.

Mas hoje, meu caro, estou contente. Sinto-me feliz porque a passeiata foi deliciosa.

Mas porquê? — perguntarás. Porquê? Devido a um pequena acontecimento, absolutamente inesperado, e que se produziu dois ou três minutos após a nossa saída do hotel.

Não adivinhas? Ouve então: o Julio, assim que começámos o passeio, viu a seus pés, no meio da estrada, uma moeda de dez escudos — daquelas que desapareceram mal a Moeda as deu á luz.

Não comprehendes? Perguntas por carga d'agua, porque pilagre, este incidente, de apparencia insignificante, pode influir sobre o resto do nosso passeio?

Não ha milagre algum. Reflecte um pouco... Vais comprehender...

Uma pessoa, uma pessoa qualquer — tu, eu, qualquer outro — passeia na companhia da mulher e dum amigo. Essa pessoa olha a mulher. Olha o amigo. Subito, olhando por acaso para os pés, encontra uma coisa.

Como se conduz desde então esse homem? Se o acaso o favoreceu, fazendo-o encontrar qualquer coisa, ele raciocina: «O acaso que acaba de favorecer-me não vai, por acaso, favorecer-me de novo? Quem sabe? Creio que não ha nada impossivel». E o nosso homem anda, desde en-

tão, de olhos obstinadamente fitos no solo.

Aqui tens, meu amigo. Não ha aqui complicações. O Julio, seguindo este pensamento, não tem outra preocupação nem outra occupação desde que achou a moeda, senão a de encontrar outra.

Resultado... Resultado: Elisa e eu, que de ordinario não ousavamos sequer olhar-nos mais ternamente, aproveitando o momento em que o Julio Barros está absorvido a inspecionar o chão, podemos sem perigo apertar as mãos carinhosamente e até, numa curva da estrada, trocar um rapido beijo!

... ..

Que pena, meu amigo, que pena que este excelente Julio não encontre todos os dias, no começo do passeio, ao menos uma moeda de um escudo!...

Pedaços duma carta dirigida, em 22 de Agosto ultimo, por Julio Barros ao seu amigo mais intimo:

«Hotel dos Bicos. — ... Mas eu creio, meu querido amigo, que tenho ainda qualquer coisa a contar-te nesta carta.

Ha dez anos, ha quinze, ha vinte anos, talvez, que tu me conheces. Creio mesmo que fomos sempre conhecidos, não é verdade?

Pois... Sem ser na verdade um aza-rento, nunca fui também um homem de sorte na vida.

Ora, imagina que o teu velho amigo Julio Barros anda, de ha uns tempos para cá, com uma sorte extraordinaria, uma sorte admiravel, uma sorte... insolente.

Mas porque fórma se manifesta esta extraordinaria, esta admiravel sorte?

Eu te conto:

Ha doze dias... sim, digo bem, doze dias — foi no dia 10 deste mês que a minha sorte se começou a manifestar — ha doze dias que eu não faço outra coisa senão encontrar dinheiro!

A primeira vez que isso me succedeu foi uma moeda de dez escudos que encontrei. Depois, tão depressa acho uma moeda de um escudo, como uma de cinco tostões, como uma de vinte centavos...

O caso é que, quando volto ao hotel, depois de duas horas de passeio, vou sempre mais rico do que quando sahi.

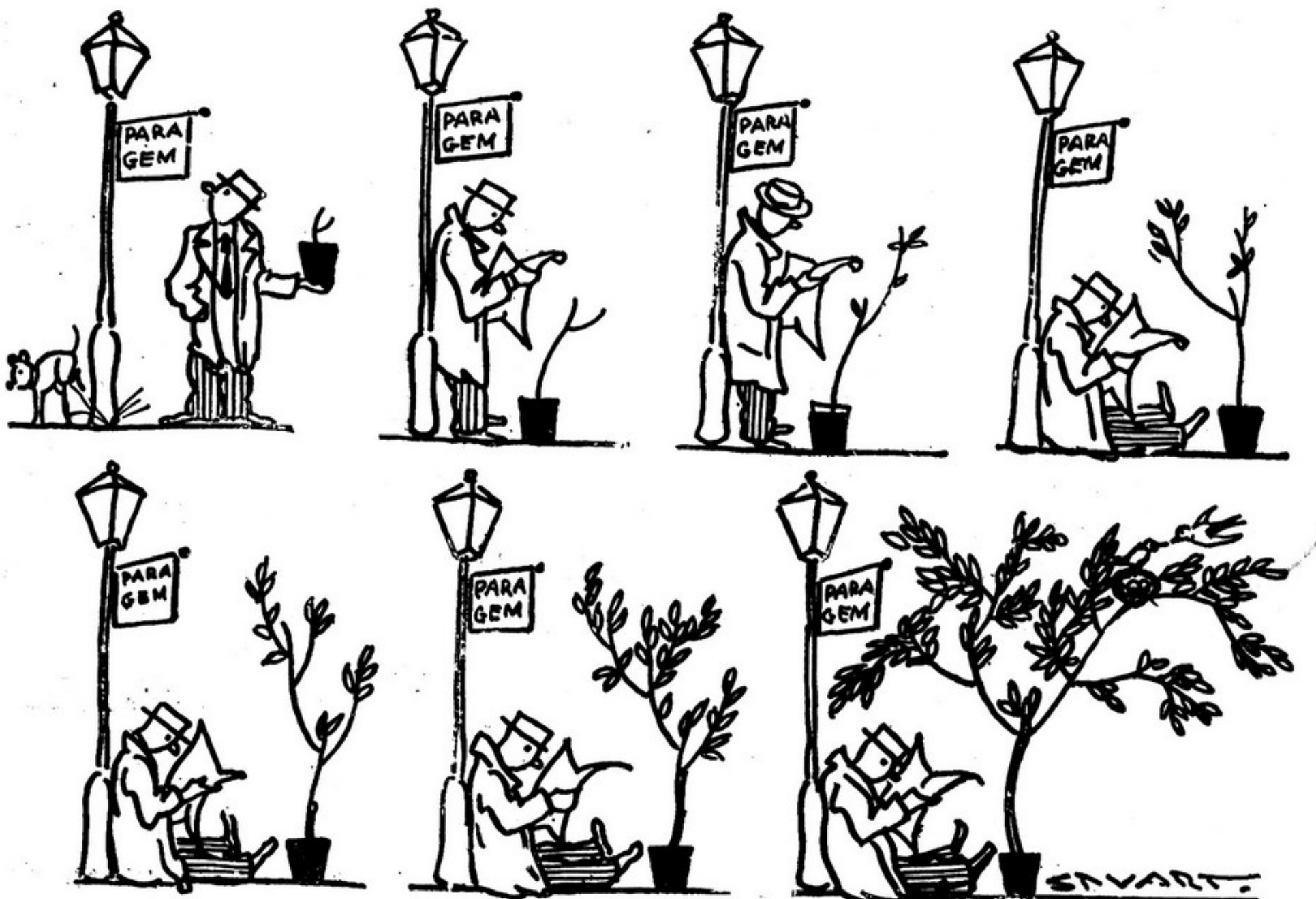
... Mas o mais engraçado é que, andando sempre comigo, nem a minha Elisa nem este excelente rapaz que é o Carlos Ourique, acharam até agora a mais pequena moeda. Nem sequer uma de meio tostão!...

... Já te disse, meu velho amigo: ando com uma sorte extraordinaria, tão extraordinaria que, ás vezes, me interrogo quem será o desgraçado que passa todos os dias na estrada e perde dinheiro para eu achar!...

(Do francês).

Luiz Figueira.

A' espera de electrico para o Rio de Janeiro



ECO DA SEMANA

A TERRA ESTÁ A ARREFECER

PORQUE O FOGO QUE A AQUECIA TEM FUGADO TODO PELO "ETNA". A TERRA VAI PILANDO E GELANDO E OS HABITANTES POR MIMETISMO, VÃO-SE COBRINDO DE PILOSA. FELAMARION



UMA COMISSÃO TERRESTRE PROCUROU O PADRE ETERNO E COMUNICOU-LHE O SUCEDIDO. ESTE PROMETEU DAR MAIS UMAS ROTACÕES A TERRA PARA VER SE ELA ASSIM AQUECE - NESSA ALTURA A POPULAÇÃO USARÁ BOTAS DE CHUMBO PARA NÃO SER CUSPIDA PARA O ESPAÇO.



OS PAINEIS, A METRO, PARA SEVILHA - APÓS PROLONGADOS SOFRIMENTOS CONSEGUIRAM OS ARTISTAS CHEGAR AO KILOMETRO 1635 PARA SEVILHA JÁ SEGUIRAM UMAS VINTE PEÇAS A RAZÃO DE 25 METROS.



POR CAUSA DOS PAINEIS CATARINISTAS FOI

MOBILISADA A POLICIA DA INVESTIGAÇÃO QUE AO SOM DA "O KATARINA" IRA EM BUSCA DO REPUGNANTE FALSARIO.



COMEÇARAM JÁ OS MELHORAMENTOS NAS ESCADINHAS DE STA. JUSTA - ALEM DOS DOIS LAMPEÕES SERÁ ESTABELECIDO UM SERVIÇO DE TOBOGANS PARA A "DESCENSAO" DAS ESCADINHAS - ISTO CONTRARIA UM POUCO AVISAO DOS MIROLHOS.

VAI DAR A ALMA AO CRIADOR A GARAGE DOS ELEVADORES DA GLÓRIA - ASSIM SE PERDE UM BELO EXEMPLAR ESTILO GRÃO-DE-BICO T. AOACTO ASSISTIRÃO UM REPRESENTANTE DA COMPANHIA E O ARQUITECTO - A CIDADE VAI ESTAR A MEIO DAU.

